

A INFLUÊNCIA DA INTERNET NO AUTODIAGNÓSTICO E AUTOMEDICAÇÃO DE ACADÊMICOS DO CURSO DE FARMÁCIA DA FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA

Wesley Sérgio Soares Costa¹

Fernanda Pereira Guimarães²

Resumo: A prática de pesquisar sintomas na internet – “Dar um google nos sintomas” – cresce a cada dia e pode levar ao processo de automedicação. Dessa forma, questionou-se: Qual é o grau de influência do uso da internet sobre o processo de autodiagnóstico e automedicação dos acadêmicos de Farmácia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas, Minas Gerais? A hipótese levantada é de que os estudantes não utilizam esta ferramenta para autodiagnóstico e automedicação por terem conhecimento sobre seus perigos para a saúde. Neste aspecto, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar a frequência de pesquisa e a influência da internet no processo de automedicação entre estudantes da referida instituição. Trata-se de uma pesquisa descritiva e quantitativa, realizada por meio de um questionário estruturado *on-line*, autoaplicável, disponibilizado em grupos das turmas de farmácia na plataforma *WhatsApp*. De acordo com os resultados dos alunos avaliados, 31 (75,6%) pesquisam seus sintomas e os sintomas de terceiros, sendo o Google, ferramenta mais utilizada por 40 (97,6%) deles. A maioria, 28 (68,7%) acredita que a pesquisa levou a um diagnóstico, porém 68,3% alegaram não ter se automedicado. Nota-se, portanto que provavelmente o conhecimento adquirido no decorrer do curso de Farmácia contribui para a tomada de decisão dos acadêmicos quanto às fontes de pesquisa na internet e à automedicação. Dessa forma, a internet proporciona simultaneamente a possibilidade de propagar conhecimento de maneira simples e instantânea, mas também de difundir conteúdo inverídico e sem credibilidade.

Descritores: Autoavaliação Diagnóstica; Acesso à Internet; Farmácia; Automedicação; Acesso à Tecnologias em Saúde.

Abstract: The practice of searching for symptoms on the internet – “Google the symptoms” – grows every day and can lead to the process of self-medication. Thus, the following question was asked: What is the degree of influence of internet use on the self-diagnosis and self-medication process of Pharmacy students at the Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas, Minas Gerais? The hypothesis raised is that students do not use this tool for self-diagnosis and self-medication because they are aware of its health hazards. In this aspect, the present research aimed to evaluate the frequency of research and the influence of the internet on the self-medication process among students at that institution. This is a descriptive and quantitative research, carried out through a structured, self-administered online questionnaire, available in groups of pharmacy classes through WhatsApp platform. According to the results, of the evaluated students, 31 (75.6%) researched their symptoms and the symptoms of others, with Google being the most used search tool by 40 (97.6%) of them. Most, 28 (68.7%) believe that the survey led to a diagnosis, but 68.3% claimed not to have self-medicated. Therefore, it is possible to notice that the knowledge acquired during the Pharmacy course probably contributes to academic decision-making regarding research sources and self-medication. In this way, the internet simultaneously provides the possibility to spread knowledge in a simple and instantaneous way, but also to spread untrue and unreliable content.

Descriptors: Self-Assessment Diagnostic; Internet access; Drugstore; Self-medication; Access to Health Technologies.

¹ Graduando em Farmácia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. E-mail: wesleysergio94@gmail.com

² Bióloga. Mestre em Botânica pela UFV. Docente da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. Orientadora da pesquisa. E-mail: fpguimaraes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Medicamento é o produto farmacêutico preparado com finalidade profilática, curativa, paliativa, até mesmo para fins de diagnóstico, mas seu uso excessivo e irracional pode causar danos à saúde do paciente e, em alguns casos, levar a óbito (GONÇALVES *et al.*, 2017). A automedicação é definida, pela livre iniciativa ou influência de terceiros, como o ato de utilizar um medicamento com o objetivo de prevenir ou tratar as próprias doenças sem o aconselhamento de um profissional da saúde (CRUZ; CARMONA; GUERREIRO, 2015).

Segundo Hoffmann *et al.* (2017), o consumo indiscriminado de medicamentos, a automedicação e a indicação de medicamentos por indivíduos sem capacitação para exercer tal função aumentam o risco de intoxicações, transformando este risco em uma das principais adversidades da saúde pública brasileira, que gera inúmeros problemas relacionados a medicamentos.

Neste contexto, a internet pode influenciar o uso indiscriminado de medicamentos através de campanhas publicitárias da indústria farmacêutica que divulgam prioritariamente os benefícios do fármaco e minimizam reações adversas e demais riscos à saúde do paciente (PORTO *et al.*, 2020). Tais campanhas levam à facilidade de busca autônoma por sintomas e tratamentos em *sites* de pesquisa (SANTOS *et al.*, 2019).

Santos *et al.* (2019) afirmam que falta supervisão na internet, pois os textos técnicos se misturam a informações sem embasamento científico. Os autores se preocupam com a qualidade das informações obtidas na internet desde sua origem, sendo importante salientar a falta de provas em relação ao conteúdo exposto na internet e os possíveis riscos que podem causar à saúde dos usuários. Dentre os usuários, Porto *et al.* (2020) destacam os acadêmicos de graduação um relevante grupo para a análise da automedicação induzida pelos fatores midiáticos, visto que a carreira a ser alcançada e o processo de graduação está ligada diretamente a essa problemática.

Dentre os fatores que se mostram preocupantes em relação aos acadêmicos, destacam-se a utilização da internet como ferramenta para promover a automedicação, considerando que os estudantes encontram facilmente informações sobre sintomas, medicamentos e tratamentos. Desta forma, viu-se necessária a realização de um estudo que possa investigar a influência gerada pela internet sobre o autodiagnóstico, automedicação e possíveis consequências à saúde do público alvo e de terceiros. Dessa forma, pode-se adaptar os métodos de intervenção e prevenção de agravos à saúde, assim, justificando a relevância deste trabalho.

Esta pesquisa buscou responder à seguinte questão: Qual é o grau de influência do uso da internet sobre o processo de autodiagnóstico e automedicação dos acadêmicos de Farmácia da Faculdade Ciências da Vida (FCV), Sete Lagoas, Minas Gerais? A hipótese levantada é de que os estudantes de Farmácia não utilizam esta ferramenta para busca de autodiagnóstico e automedicação por terem conhecimento sobre seus perigos para a saúde.

O trabalho apresentou como objetivo geral caracterizar o nível de influência da internet associado às práticas do autodiagnóstico e da automedicação por acadêmicos de Farmácia da instituição referida. Quanto aos objetivos específicos pretendeu-se: caracterizar o perfil dos alunos do curso de Farmácia e analisar a frequência de autodiagnóstico e automedicação por esses acadêmicos.

Para atingir tais objetivos, foi utilizada uma metodologia de natureza descritiva e exploratória, do tipo quantitativa, utilizando-se como instrumento para coleta de dados um questionário estruturado *on-line*, autoaplicável, por meio do *Google forms*, com disponibilização de Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), através de *link* enviados aos grupos de *WhatsApp* das turmas de Farmácia da FCV, durante o período de 10 dias, no mês de maio de 2021.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Internet Como Ferramenta De Autocuidado Da Saúde

A internet é um conjunto global de redes conectadas servindo como uma ferramenta para busca de informação, comunicação e entretenimento, resultado de uma grande evolução da humanidade ao longo dos anos e da necessidade de aproximar povos e culturas, compartilhar conhecimento, além de ser utilizada no auxílio da aprendizagem (FERREIRA, TERRA JÚNIOR, 2018).

Por se tratar de um instrumento facilmente disponível, anônimo e oportuno, a internet tem sido comumente utilizada como fonte de pesquisa na área da saúde, com papel importante na aplicação deste assunto (SANTOS *et al.*, 2019). No entanto, conforme Frossard e Dias (2016), a internet é potente na disseminação de conhecimento e comunicação entre pacientes com experiência em doenças e na publicidade de indústrias farmacêuticas e de biotecnologia para divulgar produtos negócios que tornam o ambiente propício para divulgação de dados falsos ou controversos sobre as questões de saúde.

A acentuada utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) tendo como foco a internet, afetou o mundo nos últimos anos e vem desempenhando um papel impactante no processo de autodiagnóstico, automedicação e uso indiscriminado de medicamentos (SANTOS *et al.*, 2019). Ainda não existe resposta efetiva para lidar com o problema do autodiagnóstico e da automedicação e nem do combate à propagação de informações clínicas sem embasamento científico obtidas na internet.

Nos últimos anos, percebeu-se um aumento no número de sites de saúde com informações contestáveis, sendo que alguns apresentam dados potencialmente enganosos, embora também hajam sites de saúde com conteúdo fidedigno relacionado a patologias, sintomas e tratamentos (OLIVEIRA; SANTOS; LISBOA, 2019; SANTOS *et al.*, 2019).

Segundo Santos *et al.* (2019), a qualidade e confiabilidade das informações obtidas é um dos principais problemas para pacientes que buscam se autodiagnosticar e se automedicar, sendo uma prática sem recomendação, em virtude do risco de saúde envolvido. Infelizmente, os sites com informações confiáveis ainda não são preferência de busca da maioria das pessoas que procuram informações médicas.

2.2 A Busca Pelo Diagnóstico Através De Mecanismos De Pesquisa On-line

De acordo com Lemos (2014), o termo Cibercondria se originou em 2000, formado pela união das palavras ciber e hipocondria, também chamado de hipocondria digital ou fenômeno “Dr. Google”. É qualificada como uma enfermidade psicopatológica atrelada ao ambiente cibernético, nos quais pacientes pesquisam, por meio da internet, causas e tratamentos para o que está afetando-os.

Lima *et al.* (2018) afirmam que a constante pesquisa de sintomas na internet, em busca de autodiagnóstico e a ampla variedade de resultados diferentes para intervir na relação entre saúde, doença e cuidado podem desencadear ansiedades, medos, suspeitas e equívocos que induzem à uma consulta desnecessária com profissional de saúde especializado.

Indivíduos compartilham suas experiências com doenças em grupos e fóruns *on-line* na internet, identificados como grupos de autoajuda e ajuda mútua pela forma como difundem tais conhecimentos. As discussões vão desde enfermidades simples a comparações de sintomas e tratamentos para doenças raras e/ou sem diagnóstico (FROSSARD; DIAS, 2016).

Segundo Jutel (2017), existe uma preocupação com as investidas da população em se obter um autodiagnóstico, apoiando-se em informações clínicas disponíveis em vários endereços eletrônicos, muitos deles sem nenhum apoio em evidências científicas. Tem-se

também certa preocupação em relação ao apego dos pacientes em se autodiagnosticar ou propor diagnósticos concorrentes para os problemas que os acometem.

De acordo com o *Knowledge Graph*, banco de dados do Google (2017) um em cada 20 pesquisas realizadas no site são por informações relacionadas à saúde, sendo 70 mil pesquisas por minuto. Apesar de que somente 1/3 do resultado dessas pesquisas serem corretos, muitos ainda recorrem ao site para descobrir um diagnóstico para seus sintomas (HILL; MILLS, 2020).

De acordo com a opinião de profissionais da saúde, a utilização da internet pela população em geral interfere no relacionamento entre médico e paciente de forma positiva e negativa, podendo variar de acordo com a conduta adotada pelo profissional (CARLESSO *et al.*, 2019). Apesar do risco de pesquisa para o usuário leigo, Hill e Mills (2020) destacam que esse tipo de pesquisa é importante no sistema de saúde atual para que haja um entendimento das doenças e seus sintomas após um diagnóstico oficial, nunca substituindo um atendimento presencial com um médico, pois cada paciente é único e possui seu próprio histórico clínico.

Araújo, Albuquerque e Silva (2016) ressaltam a importância de analisar a influência das ferramentas de busca *online* em tópicos relacionados à saúde na vida dos discentes de graduação, com o objetivo de descobrir qual o mecanismo mais utilizado, os temas pesquisados e os sites mais acessados para adquirir informações sobre sintomas, verificar possíveis impactos na sua saúde e na atuação desses futuros profissionais.

2.3 O Processo De Automedicação E Uso Indiscriminado De Medicamentos Associado A Intoxicação Medicamentosa

Automedicar é utilizar um medicamento sem prescrição do profissional de saúde, enquanto o uso irracional de medicamentos está associado a automedicação sem nenhum tipo de orientação, seja médica ou farmacêutica, mesmo quando a prescrição não é necessária. Também se englobam nas definições de automedicação, a aquisição e uso de medicamentos sem receita médica, reutilização de antigas prescrições ou sobras de medicamentos, e até mesmo prolongamento ou interrupção de um tratamento já definido por um médico (FERREIRA; TERRA JÚNIOR, 2018).

Conforme Ferreira e Terra Júnior (2018), a probabilidade de intoxicação é o maior problema de se utilizar irracionalmente um medicamento. Conforme os dados apresentados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), o medicamento é o principal agente tóxico culpado por casos de intoxicação em humanos no Brasil, sendo

responsável por 40% das intoxicações, o segundo colocado na estatística abrange intoxicação por animais que produzem peçonha e representam apenas 12,45% dos registros.

De 1994 até o ano de 2017, conforme o SINITOX, foi verificado um aumento gradativo de intoxicações medicamentosas ao longo dos anos, números estes que podem ser ainda maiores já que as notificações apresentadas ao SINITOX têm caráter voluntário, que dificultam a estimativa correta do índice de intoxicação por medicamentos no país (NUNES *et al.*, 2017).

Segundo o SINITOX, as intoxicações por medicamentos se tornaram um problema de saúde pública alarmante, sendo suas principais causas o uso indiscriminado e abusivo do medicamento devido à ausência de informação sobre sua administração e posologia, automedicação e erros de prescrição (GONÇALVES *et al.*, 2017). Conforme Zambolim *et al.* (2008), a Organização Mundial de Saúde (OMS) suspeita que 1,5 a 3% dos seres humanos são intoxicados por ano, isto significa anualmente uma média de 4,8 milhões de novos incidentes com intoxicação por medicamentos no Brasil.

Na maioria das vezes as intoxicações são causadas devido à dosagem elevada de substâncias medicamentosas ingeridas, podendo ser uma exposição profissional ou acidental, abuso, tentativa de suicídio ou homicídio. Considerando todo o universo de intoxicações das leves às graves, as mais comuns são provocadas por medicamentos, principalmente os antipsicóticos (NUNES *et al.*, 2017).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso de natureza descritiva e exploratória, do tipo quantitativo, realizado por meio de um questionário estruturado aplicado a acadêmicos da Farmácia da FCV, Sete Lagoas, Minas Gerais.

Para embasamento teórico da pesquisa, foram utilizadas as seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Google acadêmico, sites governamentais e bibliotecas digitais. Para a seleção dos artigos foram adotados os seguintes critérios de elegibilidade: estar disponível na íntegra *on-line*, estar em língua portuguesa ou inglesa e apresentar o conteúdo relacionado ao tema investigado. As buscas foram conduzidas por meio dos descritores catalogados em português e em inglês contidos no título ou nos resumos dos estudos: Autocuidado, Acesso à Internet, Farmácia, Automedicação, Acesso à Tecnologias em Saúde. Para melhor triagem dos artigos foram utilizados booleanos AND, NOT e OR para combinação de termos utilizados nas bases de dados.

Para responder os objetivos propostos nesta pesquisa foi elaborado um questionário estruturado *on-line* autoaplicável, através do *Google forms*, cujo link foi disponibilizado em grupos das turmas do curso de Farmácia da FCV, por meio da plataforma *WhatsApp* durante período de 10 dias durante o mês de maio de 2021. O questionário contava com perguntas de caracterização do público alvo e questões relacionadas à pesquisa de sintomas e medicamentos no Google, automedicação, sentimento frente aos possíveis diagnósticos da internet, confiança nas informações e checagem dos sintomas e possível diagnóstico com um profissional de saúde.

Para iniciar o questionário, o participante precisava concordar com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) que esclarecia os objetivos da pesquisa, a participação voluntária e o anonimato das participantes. Para seleção da amostra foram definidos os seguintes critérios de inclusão: Acadêmicos de qualquer período do curso de Farmácia da FCV que concordarem com o TCLE. Como critério de exclusão: acadêmicos que não tivessem acesso às plataformas digitais utilizadas.

A escolha deste método de aplicação do questionário ocorreu devido à pandemia do novo coronavírus e seus efeitos na rotina da população, baseando-se na incerteza do retorno às atividades presenciais nas dependências da faculdade escolhida. Os resultados alcançados foram tabulados no software Microsoft Office Professional Plus Excel® 2016. As informações obtidas possibilitaram caracterizar e correlacionar o grau de influência da internet no autodiagnóstico e automedicação entre os discentes do curso de forma descritiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização Dos Sujeitos Da Pesquisa

O curso de Farmácia da FCV possui 142 alunos matriculados. Participaram da pesquisa 41 indivíduos, os quais todos concordaram com o TCLE e nenhum foi excluído do estudo. A amostra foi constituída por 30 (73,17%) participantes do sexo feminino, 11 (26,83%) participantes do sexo masculino e nenhum participante optou por não informar o sexo.

A Tabela 1 apresenta o perfil de participantes da pesquisa por período do curso. Obteve-se participação de estudantes de todos os períodos do curso de Farmácia, sendo que os que tiveram maior participação foram respectivamente: décimo (24,4%), terceiro (14,6%), nono (12,2%) e oitavo (12,2%) períodos. A maioria dos estudantes (61,0%) estão na faixa etária de 18 a 24 anos.

Tabela 1: Características sociodemográficas dos participantes da pesquisa por períodos (n=41).

Sexo	n	%
Feminino	30	73,2%
Masculino	11	26,8%
Faixa etária		
18 a 24 anos	25	61,0%
25 a 30 anos	13	31,7%
31 a 35 anos	2	4,9%
42 a 60 anos	1	2,4%
Período		
1º	3	7,3%
2º	1	2,4%
3º	6	14,6%
4º	3	7,3%
5º	3	7,3%
6º	2	4,9%
7º	3	7,3%
8º	5	12,2%
9º	5	12,2%
10º	10	24,4%
Total	41	100,0%

Fonte: Dados de pesquisa (2021).

4.2 A Influência Da Internet No Autodiagnóstico E Os Perigos Para A Automedicação

No Gráfico 1 pode-se observar que 87,8% os estudantes participantes já leram e/ou ouviram falar nos termos: "Dr. Google", "Dar um Google no sintoma" ou "Googlar seus sintomas". Profissionais da saúde entrevistados por Carlesso *et al.* (2019) afirmam que esses termos são utilizados com frequência e já se tornaram parte do dia a dia da profissão de saúde.

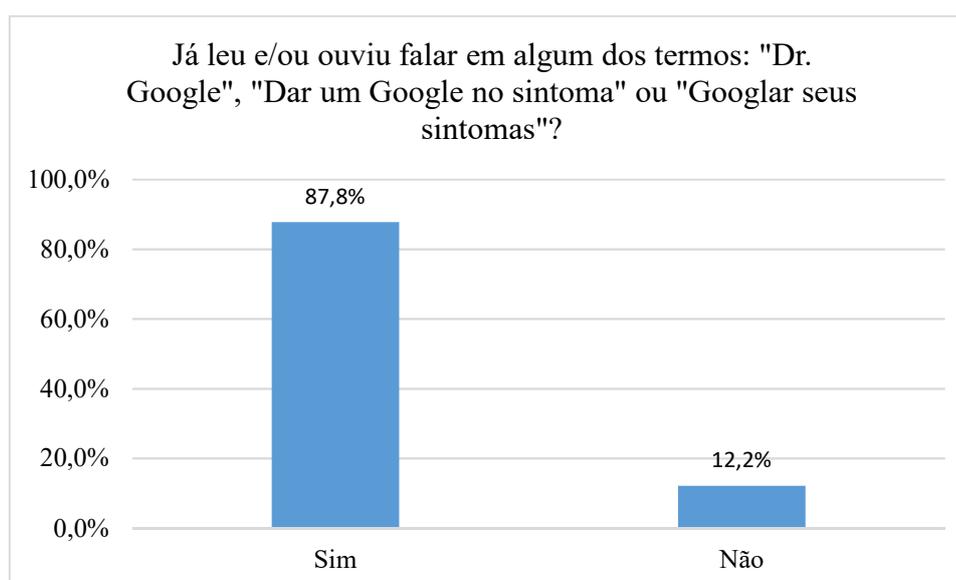


Gráfico 1: Quanto a ler ou ouvir falar de termos relacionados a pesquisa de sintomas na internet.

Fonte: Dados de pesquisa (2021).

A “cibercondria” e o efeito “Dr. Google” levantam preocupações a respeito da autoavaliação do paciente. Doenças malignas raras frequentemente associadas a sintomas comuns contribuem para um transtorno de ansiedade gerado pelo uso da internet na busca por informações de saúde e influenciam no diagnóstico errado e na ruptura da relação médico-paciente (JUTEL, 2017). Esses fatores podem resultar na automedicação, causando vários problemas, sendo um deles a intoxicação.

O Gráfico 2 apresenta que 75,6% dos estudantes da amostra já utilizou a internet para pesquisar tanto sintomas próprios quanto de terceiros; 17,1% pesquisou seus próprios sintomas e 7,3% pesquisou os sintomas de terceiros. Tais resultados são semelhantes ao encontrado por Araújo, Albuquerque e Silva (2016), no qual o número de pessoas que pesquisam assuntos relacionados a saúde na internet ultrapassa o número dos que não o fazem.

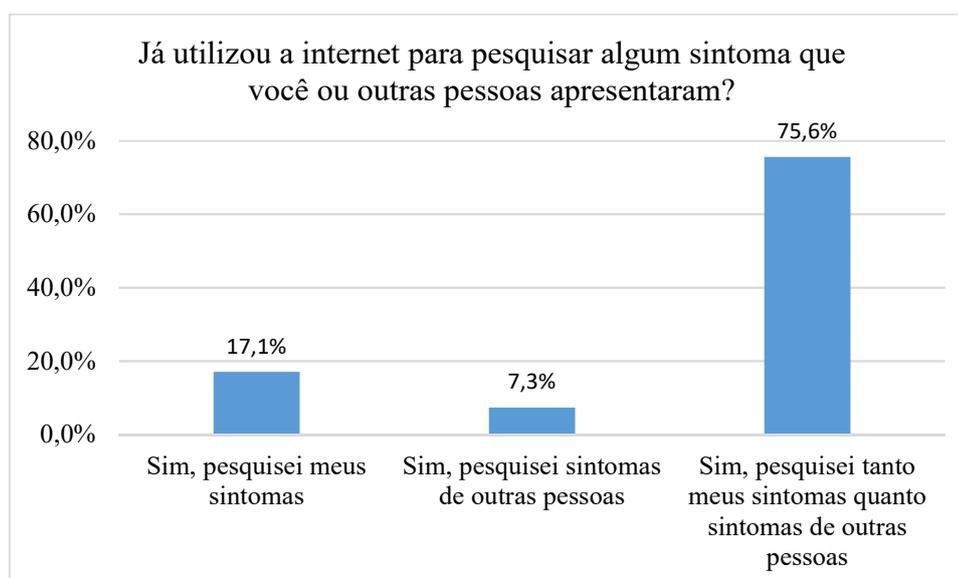


Gráfico 2: Quanto a ter utilizado a internet para pesquisar algum sintoma próprio ou de terceiros.

Fonte: Dados de pesquisa (2021).

O avanço das tecnologias de informação e comunicação facilitou para que a maioria das pessoas utilizassem a internet como ferramenta de busca para sintomas e medicamentos, contudo o problema desse uso está na garantia da qualidade e segurança das informações obtidas e se elas podem ser adotadas como guia. Santos *et al.* (2019) citam que é grande a quantidade de informações duvidosas relacionadas à saúde encontradas na internet, consequência da ausência de vigilância sobre seu rigor científico e profissional.

A Tabela 2 apresenta as principais ferramentas de pesquisa da internet utilizadas para procurar informações referentes aos sintomas da amostra estudada. Observa-se que o Google é a ferramenta de pesquisa mais utilizada em comparação as outras, sendo utilizada por 97,6%

dos participantes; dados corroborados por Araújo, Albuquerque e Silva (2016) que aponta o site como o mais utilizado pelos acadêmicos de saúde (86,7%). É importante ressaltar que 51,2% dos acadêmicos pesquisados alegaram pesquisar em revistas e artigos científicos, atitude esperada de acadêmicos em formação.

Tabela 2. Ferramentas de pesquisas mais utilizadas (n=41).

Ferramentas de pesquisas	n	%
Google	40	97,6%
Revistas e artigos científicos	21	51,2%
Sites de notícias	11	26,8%
Redes Sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp, etc.)	4	9,8%
Blogs	5	12,2%
Tablóides online	1	2,4%
Páginas médicas	1	2,4%
Drugs.com; Whitebook; msdmanuals	1	2,4%
Yahoo	1	2,4%

Fonte: Dados de pesquisa, 2021.

Com o objetivo de verificar o comportamento dos discentes frente aos sintomas e à pesquisa na internet, verificou-se que 61,0% pesquisam os sintomas na internet antes de procurar ajuda médica, 17,1% pesquisam após buscar ajuda médica, 14,6% buscam direto a farmácia para automedicação para a qual acham que irá resolver os sintomas e, apenas 7,3% procuram direto a ajuda médica, sem pesquisar os sintomas ou fármacos previamente (GRÁFICO 3).

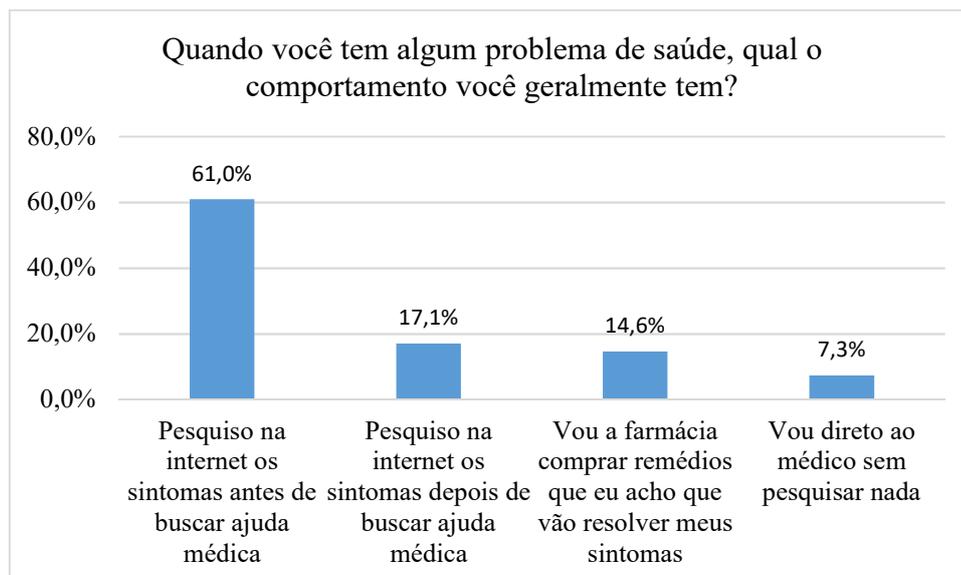


Gráfico 3. Quanto ao comportamento que o discente geralmente apresenta diante de um problema de saúde
Fonte: Dados de pesquisa (2021).

Já a Tabela 3 evidencia os sentimentos apresentados após a pesquisa dos sintomas na internet e a confiança que os estudantes apresentam sobre aquela informação encontrada. Nota-se que 41,5% manifestam confusão por não saber o que realmente apresenta mediante a tantas possibilidades de diagnósticos apresentados na internet, enquanto outros 41,5% manifestam tranquilidade porque julgam-se mais seguros para poder explicar ao médico o que realmente estão sentindo. Apesar disso, apenas 7,3% da amostra disse acreditar fielmente nas informações obtidas na internet, o que não justificaria a sua busca, enquanto 75,6% disseram pesquisar apenas para complementar o seu conhecimento sobre os sintomas. Jutel (2017) se preocupa que a busca por diagnóstico na internet seja prejudicial, pois causa ansiedade, interfere no relacionamento com o médico e está habitualmente ligado a interesses comerciais.

Tabela 3. Quanto ao sentimento a buscar sintomas na internet e se as confiou nas informações obtidas (n=41).

Sentimento	n	%
Confusão por não saber o que realmente tenho mediante a tantas possibilidades	17	41,5%
Convicção por saber exatamente o que tenho	1	2,4%
Desespero por achar que tenho muitas doenças	6	14,6%
Tranquilidade para poder explicar ao médico o que sinto	17	41,5%
Confiabilidade		
Sim, acredito fielmente nas informações que obtive	3	7,3%
Pesquisei apenas para complemento do meu conhecimento	31	75,6%
Não, o resultado da pesquisa não me apresentou resultados confiáveis	7	17,1%
Total	41	100,0%

Fonte: Dados de pesquisa (2021).

Dos 41 participantes, 61,0% alegaram pesquisar os sintomas antes de buscar ajuda médica (GRÁFICO 3), mas para Hill e Mills (2020), a pesquisa de sintomas na internet não pode substituir a consulta de um profissional médico, mas é importante para complemento do conhecimento após um diagnóstico oficial, corroborando com os dados do presente estudo, no qual 75,6% dos participantes pesquisam os sintomas apenas para enriquecimento do próprio conhecimento (TABELA 3); fazendo com que essa prática tenha um espaço no sistema de saúde moderno. Os autores também ressaltam a importância da qualidade das fontes nesse tipo de pesquisa para que as informações possam elucidar e não confundir.

A Tabela 4 mostra que 28 (68,7%) dos 41 participantes que pesquisaram sintomas na internet chegaram a uma conclusão, entretanto, destes 16 (57,1%) não sentiram segurança no autodiagnóstico da pesquisa. Nessa mesma tabela é possível observar que, dos participantes que obtiveram um provável diagnóstico na internet, 64,3% foram atestados por um profissional de saúde devidamente habilitado.

Tabela 4. Quanto a relação entre alcançar, confiar e atestar o autodiagnóstico (n=41).

A sua pesquisa te levou a um provável autodiagnóstico?	n=41	%
Sim	28	68,7%
Não	13	31,7%
Você confiou no diagnóstico obtido através da sua pesquisa?	n=28	%
Sim	12	42,9%
Não	16	57,1%
O diagnóstico foi confirmado por um profissional de saúde?	n=28	%
Sim	18	64,3%
Não	10	35,7%

Fonte: Dados de pesquisa (2021).

De acordo com uma pesquisa exploratória realizada por Carlesso *et al.* (2019), na opinião dos profissionais de saúde entrevistados, a utilização da internet antes da consulta, na maior parte dos casos é benéfica, já que auxiliam no entendimento de patologias, melhorando a comunicação entre médico e paciente, além de facilitar a anamnese e contribuir para o diagnóstico. Contudo, esses mesmos profissionais expressam preocupação quando o diagnóstico é concluído somente com a pesquisa nos mecanismos de busca da internet. Além disso, Santos *et al.* (2019) indicam que a internet possui um acervo de conteúdos relacionados a doenças, sinais e sintomas que podem prejudicar a consulta com um profissional de saúde, pois informações têm potencial de fazer o paciente sentir-se dono do conhecimento sobre os sintomas e a doença, o que dificulta a adesão terapêutica e contribuem para a automedicação.

De acordo com o Gráfico 4, a maioria dos estudantes (68,3%) não se medicou nem indicou medicamentos a outras pessoas através da pesquisa dos sintomas feita na internet; dado semelhante ao encontrado por Silva *et al.* (2011) onde a maioria dos acadêmicos (85,19%) de Farmácia não se automedicaram através de informações da mídia. Apesar disso, 19,5% da amostra deste trabalho alegou que já se automedicou baseado nas informações da internet e 12,2% além de se automedicarem, já indicaram medicamentos a outras pessoas mediante pesquisa em *online*. Apesar de ser a minoria da amostra, tal dado é preocupante, pois coloca em risco a saúde do usuário e de terceiros, quanto à intoxicação e eventos adversos, prática esta que deve ser repudiada pelos acadêmicos de Farmácia durante a sua formação acadêmica, em especial por não terem formação para tais indicações.

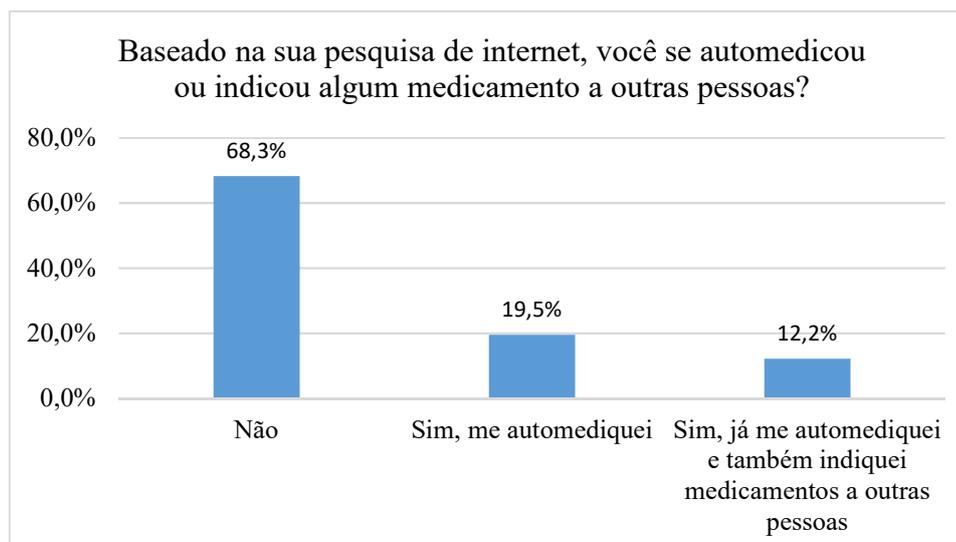


Gráfico 4. Os estudantes que se medicaram ou indicaram medicamentos baseados na pesquisa da internet.
Fonte: Dados de pesquisa (2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa responderam aos objetivos propostos, caracterizando o nível de influência da internet no processo de autodiagnóstico e automedicação dos acadêmicos de Farmácia da FCV, pontuando fatores de risco desses hábitos à saúde dos acadêmicos e de terceiros. A amostra foi constituída em sua maioria por mulheres com faixa etária de 18 a 24 anos, cursando em maioria, décimo, terceiro, nono e oitavo período do curso. O presente trabalho concluiu que a prática de pesquisar sintomas na internet é comum para os alunos do curso e que o Google é a ferramenta de pesquisa mais utilizada seguido por revistas e artigos científicos, sendo utilizadas antes mesmo de buscar auxílio médico para melhoria no conhecimento próprio.

Apesar disso, ao buscar informações na internet, a maioria dos participantes chegaram a um diagnóstico, mas não confiaram nas informações obtidas através da pesquisa. A maioria também alegou não ter se automedicado, possivelmente decorrente do conhecimento adquirido no decorrer do curso de Farmácia contribui para a tomada de decisões dos acadêmicos. Dessa forma, a hipótese levantada neste trabalho foi parcialmente refutada, visto que existe a busca por sinais e sintomas na internet pelos acadêmicos de Farmácia, mas a maioria não se automedica em virtude dos riscos apresentados e dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

A internet contribui no complemento do aprendizado ao apresentar dados sobre manifestações dos sintomas e doenças, resultando na procura por novas bases de dados de informações relacionadas à saúde. A internet proporciona simultaneamente a possibilidade de

propagar conhecimento de maneira simples e instantânea, mas também de difundir conteúdo inverídico e sem credibilidade.

Foram encontradas limitações relevantes durante a realização da pesquisa, como o limite da amostra, sendo essa composta apenas por discentes do curso de Farmácia da FCV, o baixo índice de adesão por esses alunos ao questionário e a dificuldade em encontrar estudos semelhantes para comparação, o que tornou esse trabalho ainda mais relevante para que seja criada uma base de dados relacionada a este tema.

Os resultados desse estudo são de grande importância, para a formulação de futuros métodos de intervenção educativa e a realização de novos estudos transversais, no intuito de coletar informações mais abrangentes, assim como estudos longitudinais pretendendo acompanhar este público ao longo da sua formação acadêmica e durante a sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Helena Vale de; ALBUQUERQUE, Pablo Ribeiro; SILVA, Bruna Rodrigues da. Influência dos mecanismos de busca da internet na vida dos acadêmicos de saúde. **Temas em Saúde**, João Pessoa, p. 500-515, 2016. ISSN 2447-2131. Disponível em: <<https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2016/11/conesf22.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CARLESSO, Fernanda Pereira *et al.* A influência do uso da internet na relação médico-paciente e psicólogo-paciente . **Repositório Digital Unicesumar** (online) 2019. Disponível em: <<http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/3799>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

CRUZ, Pedro Soares; CARAMONA, Margarida; GUERREIRO, Mara Pereira. Uma Reflexão Sobre a Automedicação e Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica em Portugal. **Revista Portuguesa de Farmacoterapia**, Portugal, v. 7, n. 2, p. 83-90, 2015. Disponível em: <<http://revista.farmacoterapia.pt/index.php/rpf/article/view/2>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25756/rpf.v7i2.2>

FERREIRA, Rogério Lobo; TERRA JÚNIOR, André Tomaz. Estudo sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e o papel do farmacêutico na sua prevenção. **Revista Científica FAEMA**, Ariquemes RO, v. 9, n. Spe, p. 570-576, 2018. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/rcf.v9iedesp.617>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.31072/rcf.v9iedesp.617>.

FROSSARD, Vera Cecília; DIAS, Maria Clara Marques. O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde. **Revista Interface: comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu SP, v. 20, n. 57, p. 349-362, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/Xj5Hwb9FQG3G6D8xDWZ3XWJ/abstract/?lang=pt#:~:text=>

Ele%20aborda%20igualmente%20um%20novo,servimos%20do%20conceito%20de%20biopoder>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.1334>.

GONÇALVES, Claudiana Aguilar *et al.* (2017). Intoxicação medicamentosa: relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos. **Revista Científica FAEMA**, Ariquemes RO, v. 8. N. 1, p. 135-143, 2017. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/449>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.31072/rcf.v8i1.449>.

GOOGLE. **Google Knowledge Graph Search API**. 2017. Disponível em: <<https://developers.google.com/knowledge-graph>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

HILL, Michella G.; MILLS, Moira Sim Brennen. The quality of diagnosis and triage advice provided by free online symptom checkers and apps in Australia. **Medical Journal of Australia**, [S.l.], v. 212, n. 11, p. 514-519, 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.5694/mja2.50600>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5694/mja2.50600>.

HOFFMANN AMM, et al. Automedicação entre acadêmicos de Enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.l.], v. 9, p. 842-848, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/0142159X.2018.1555639>.

JUTEL, Annemarie. “Dr. Google” and his predecessors. **Diagnosis**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 87–91 Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/dx-2016-0045/html>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/dx-2016-0045>.

LEMOS, P. Cibercondri@: a saúde em segundo plano. **Psique**, ano VIII, n. 102, p. 24-31, 2014.

LIMA, Daniely Mara; SILVA, *et al.* Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-CE. **Revista Expressão Católica Saúde**, Fortaleza CE, v. 2, n. 1, p. 1-54, 2018. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recsaude/article/view/2122>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.25191/recs.v2i1.2122>.

NUNES, Caroliny Ribeiro de Melo *et al.* Panoramas das intoxicações por medicamentos no Brasil. **Revista e-ciência**, v. 5, n. 2, p. 98-103, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321988145_PANORAMAS_DAS_INTOXICACOES_POR_MEDICAMENTOS_NO_BRASIL>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19095/rec.v5i2.247>.

SANTOS, Randerson da Conceição dos *et al.* A influência da internet no processo de automedicação: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, [S.l.], v. 2, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/3619>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv2n5-034>.

OLIVEIRA, Aline Borges de; SANTOS, Jéssica Alves dos; LISBOA, Helen Cristina Fávero. Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos. **Multitemas**, [S.l.], v. 24, n. 57, 2019. Disponível em:

<<https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/2065>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20435/multi.v24i57.2065>.

PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues dos Santos *et al.* Automedicação induzida pelos fatores midiáticos: uma abordagem no ambiente acadêmico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Timon MA, v. 41, p. 1-9, 2020. ISSN 2178-2091. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/28402065>>. Acesso em: 15 mai. 2021. DOI <https://doi.org/10.25248/reas.e2840.2020>.

SILVA, Lucas Salles Freitas *et al.* Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. **Odontologia Clínico-científica**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011. ISSN 1677-3888. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-38882011000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 mai. 2021.

ZAMBOLIM, Cristiane Maciel *et al.* Perfil das intoxicações exógenas em um hospital universitário. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 5-10, 2008. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/555>>. Acesso em: 15 mai. 2021.